

O que disse Dornbusch

Jorge J. Okubaro

JORNAL DA TARDE

“Os mexicanos não ouviram nenhuma crítica até que seu mercado entrasse em colapso e o Brasil está demonstrando o mesmo tipo de comportamento.” Essa advertência, como sabem os leitores atentos, foi feita pelo famoso economista alemão radicado nos Estados Unidos, Rudiger Dornbusch, conhecido por algumas previsões corretas (como no caso do México) e muitas outras que não se confirmaram. Nas últimas semanas, o professor de Economia do renomado Massachusetts Institute of Technology (MIT) escreveu um artigo para a revista *Business Week* e fez uma palestra num encontro internacional em Sydney, na Austrália, para apontar aquilo que lhe parece ser a grande ameaça ao plano de estabilização brasileiro.

Quem fez o melhor e mais sucinto comentário sobre as opiniões de Dornbusch foi o ministro da Fazenda, Pedro Malan: “As declarações de Rudi Dornbusch que são corretas não têm novidade. As que têm novidade não estão corretas.”

Que o Plano Real corre perigo por causa da ausência de um ajuste fiscal profundo, como afirmou o professor do MIT, vem sendo dito e repetido por membros do governo há tempos — e esse tem sido, na verdade, seu argumento mais forte em favor das reformas tributária, previdenciária e administrativa. Sem elas, continuarão muito fortes as pressões sobre o déficit público, que no ano passado chegou mesmo aos 5% do PIB de que fala Dornbusch. E o remédio que resta, na falta de reformas, é, na realidade, o paliativo de tentar conter gastos na boca da caixa e forçar a política monetária. Nas circunstâncias atuais, contudo, poucos gastos podem ser cortados sem ferir a legislação; entre eles estão os investimentos, necessários para melhorar e ampliar os serviços prestados à população. Por isso, os cortes, quando feitos, resultam em piora da qualidade dos serviços públicos e da ação social do governo. Quanto à política monetária, seu rigor excessivo im-

põe dificuldades a toda a economia — indústria, comércio, agricultura, consumidores, bancos e governo —, com os resultados que conhecemos, e que Dornbusch mostra bem.

Já sua afirmação de que “os preços em dólar [no Brasil] subiram 40% desde o início do plano de estabilização” surpreendeu até os que vêm reclamando da excessiva desvalorização da moeda norte-americana em relação ao real. Que alguma valorização do real existe já não se discute, mas ninguém, nem o mais queixoso entre os habitualmente queixosos exportadores, falou em atraso

do ano passado. No período janeiro-maio, o acumulado é de US\$ 19,079 bilhões, 10,09% mais do que nos primeiros cinco meses de 1995.

Destacam-se, nessa comparação, as exportações de produtos manufaturados. Neste ano, elas somaram US\$ 10,78 bilhões, 10,16% mais do que as dos cinco primeiros meses de 1995, variação praticamente igual ao das exportações totais. Mas, ao contrário do que ocorreu com as exportações no ano passado, quando o crescimento foi assegurado basicamente pelo aumento dos preços internacionais dos principais produtos exportados, desta vez registra-se o crescimento das vendas externas de manufaturados em quantidade (a tonelagem exportada cresceu 15,41%), o que é um bom indicio de aumento de produtividade média da economia brasileira.

O crescimento das exportações deve-se também à alteração da política cambial, que vem permitindo a progressiva correção do valor do dólar, cuja desvalorização, medida por qualquer critério, certamente está hoje distante do ponto máximo, observado nos primeiros meses do Plano Real. Nem àquela época, porém, quando era muito maior a queixa dos exportadores, se falou em 40%, como faz Dornbusch.

Quanto à possibilidade de ocorrência no Brasil de uma crise parecida com a mexicana de dezembro de 1994, alguns números indicam que ela é remota. Em dezembro de 1994, o déficit da conta corrente do balanço de pagamentos do México correspondia a 7,8% do PIB; no Brasil, no primeiro trimestre deste ano, ficou em 2,4%. As reservas internacionais mexicanas estavam em US\$ 6,3 bilhões nas vésperas da crise; em abril, as brasileiras estavam em US\$ 55,4 bilhões. O déficit da balança comercial mexicana correspondia a 5% do PIB; no Brasil, está em 0,4% do PIB, com a perspectiva, sempre reafirmada pelo governo, de ser eliminada dentro de alguns meses.



cambial das proporções insinuadas por Dornbusch.

Dados divulgados na semana passada pelo Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo sobre as exportações brasileiras em maio sugerem, na verdade, que, se valorização cambial existe, ela nem de longe afeta o comportamento da balança comercial da maneira apontada pelo professor do MIT. No mês passado, as exportações brasileiras atingiram US\$ 4,506 bilhões, 7,16% mais do que em maio de 1995. Tomando-se a média diária de exportações, verifica-se que maio foi o terceiro melhor mês da história, com US\$ 204,8 milhões por dia útil, superado apenas por setembro e outubro